

AS MÚLTIPLAS IDADES MÉDIAS DE JACQUES LE GOFF (1924- 2014)¹

Prof. Dr. Ricardo da Costa (UFES)

ricardo@ricardocosta.com

Recebido em: 29/09/2015

Aprovado em: 05/02/2016

Resumo:

Análise da obra do medievalista Jacques Le Goff a partir de uma perspectiva pessoal, e de como foi a apreensão de seu conteúdo ao longo de uma carreira acadêmica.

Palavras-chave: Jacques Le Goff – Marxismo – *Escola dos Annales* – História Medieval.

Abstract:

Analysis of Jacques Le Goff works from a personal perspective, and was the seizure of its contents over an academic career.

Keywords: Jacques Le Goff – Marxism – *Annales* – Medieval History.

Meu primeiro contato com Jacques Le Goff aconteceu quando de meu retorno à universidade brasileira, no início da década de 90 do século XX. Havia abandonado o curso de História, em 1981 (na Universidade Santa Úrsula), para me dedicar integralmente à Música. Perdi a matrícula e, no final da década de 80, decidi retornar. A música se esgotara, perdera um pouco de seu encanto para mim. Ao reingressar no ambiente acadêmico (na Universidade Estácio de Sá), deparei-me com a coleção **História, novas abordagens, novos objetos, novos problemas**, trilogia por ele organizada (juntamente com Pierre Nora [1931-2012]) e originalmente publicada em 1974 (LE GOFF e NORA 1995). Fiquei fascinado com o novo mundo transdisciplinar que se abria para a História (e que ainda, infelizmente, não foi descoberto pelas novas gerações, com dignas e honrosas exceções). Não só a Política, não só a Economia, mas a *História conceitual*, a Arqueologia, a Literatura, a Arte, o Clima, o Corpo, enfim, *o tempo*, em todas as suas ricas contradições, diversidades e paradoxos.

Além da apresentação, Le Goff assinava um artigo, ainda marcante no início da década de 90 (mesmo com *duas décadas de atraso*, pois foi publicado em 1974), “As mentalidades: uma história ambígua”, quando afirmava que, ao se estudar as mentalidades, o historiador se aproximava do psicólogo, pois a mentalidade situava-se na intercessão do individual e do coletivo, do tempo longo e do cotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral (LE GOFF e NORA 1995, p. 68-83). Foi quando conheci um pouco de seu pensamento. E de seu belo texto. Jacques Le Goff foi meu Hobsbawm medieval (1917-2012).²

Assim, “conheci” Le Goff com um texto teórico.³ Fiquei fascinado. Era tão diferente da História então defendida e ensinada pelos professores! Mesmo no início da década de 90 – o Brasil tinha então uma defasagem, um *delay* em relação ao Primeiro Mundo (já no século XXI, uma curiosa história me foi contada por alunos da UFES, a respeito de uma professora, que fez uma “experiência” em sala: “– Fechem os olhos”, disse à turma. Todos, atônitos, fecharam. Por um minuto. “Viram? Isso é a história das mentalidades...”). *That’s Brazil...*

Ainda em minha graduação, em 1993 um curso de extensão foi dedicado àquela trilogia. Não foram muitos os inscritos, mas lá estava eu. Mas, de resto, não voltei a lê-lo na graduação. Na faixa dos 45-50 anos em 1993 – ou seja, nascidos na década de 40, os professores eram marxistas, alguns bem ortodoxos. A esquerda, aliás, era bastante

diferente. Mais culta. Mais tolerante? Não sei. De qualquer modo, a *História Nova* proposta por Le Goff & Cia., apesar de ideologicamente de esquerda, por suas propostas de ampliação dos horizontes de pesquisa, era suspeita aos olhos da *Velha Guarda de Moscou* (LE GOFF 1993). Onde já se viu estudar o corpo? Assim, que o pioneirismo seja reconhecido aos pioneiros: a geração francesa dos *Annales realmente* mudou a forma de se estudar o passado.⁴ E Le Goff deu uma notável contribuição à mudança desse panorama “economia-política” estereofônico dominante.

Ingressei no mestrado logo após ter concluído a graduação. Em 1994, Le Goff entrou de corpo e alma em minha formação. Aliás, “a dobradinha Duby-Le Goff” era como meu mestre Ciro Cardoso (1942-2013) ironicamente se referia a eles – Georges Duby (1919-1996) e Jacques Le Goff. Ironicamente, claro. Apesar de heterodoxo, Ciro era um marxista dos velhos debates teóricos dos “modos de produção” das décadas de 60 e 70.

O primeiro livro lido e discutido no grupo de pesquisa de História Medieval da UFF (dirigido pela Profa. Dra. Vânia Leite Fróes) foi **Os intelectuais na Idade Média** (LE GOFF 1985), redigido em 1957 (a partir de agora, colocarei duas datas: a das publicações originais e a das edições brasileiras e/ou portuguesas). Apesar de na época não ter gostado da aplicação do conceito gramsciano de *intelectual orgânico* como pano de fundo interpretativo da revolução cultural movida pelos intelectuais do século XIII – ainda penso que não se adequa, de modo algum, para explicar aqueles homens – gostei do livro. É enxuto, conciso. Leve. Mas me senti muito reconfortado quando, mais tarde, ao ler, durante meu doutorado, o instigante **Pensar na Idade Média** (LE GOFF 1985) (de 1991), do filósofo Alain de Libera (1948-), vi que não estava só em meu pensamento crítico (ainda que silencioso): o filósofo francês simplesmente *demoliu* a tese de Le Goff do *intelectual orgânico* para se referir aos pensadores medievais como “os primeiros intelectuais” e ao século XII como o “nascimento dos intelectuais”! Foi quando percebi que só encontraria fora do Brasil a liberdade de pensamento crítico em relação ao ex-diretor da *École des hautes études en sciences sociales* (EHESS). E, desafortunadamente, ainda vivemos nessa submissão colonial latino-americana em relação aos historiadores europeus. Mas o livro de Le Goff marcou época. Hoje parece-me inteiramente datado. Para De Libera também.

A seguir, ou simultaneamente, li **O Homem Medieval** (1994/1994), outra reunião de artigos de especialistas (LE GOFF 1985). Le Goff prefacia – seus prefácios são muito sintéticos e esclarecedores. Então entendi um pouco seu “sucesso”: além de *propor* novos

temas ligados à espiritualidade medieval (âmbito pouco explorado pela tradição acadêmica-histórica anterior, pois se distanciava do material), como *o visível e o invisível, o Além, o milagre, a mentalidade simbólica, as cores e as imagens*, etc., e assim seguir com sua interpretação de modo mais próximo aos documentos, nosso autor esquematiza tipos sociais (o intelectual, o burguês, o marginal, o santo, etc.). Ou seja: de um lado, Le Goff segue a tradição materialista e simplifica, esquematiza a realidade para explicá-la de modo mais pedagógico; de outro, abre possibilidades interpretativas com o mundo dos documentos de época (que, no caso da Idade Média, dão um enorme espaço a esses temas antes desprezados pelos marxismos).

Ainda durante meu mestrado, li as quatro obras de sua lavra que mais me marcaram: **Para um novo conceito de Idade Média. Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente** (1977/1980) – uma reunião de artigos escritos em diferentes épocas –, **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval** (1983/1990), **O Imaginário Medieval** (1985/1994) e **A Civilização do Ocidente Medieval** (02 volumes, 1964/1984). Em outras palavras, durante meu período na UFF, fui, quase que literalmente, um *legoffiano*. Talvez por isso sinto-me à vontade para criticar o que não gosto de sua reconstrução da Idade Média (além de, *realmente*, ter lido!) (LE GOFF 1980, 1983, 1990, 1994).

A Civilização do Ocidente Medieval marcou-me profundamente – e decepcionou-me do mesmo modo, anos depois (quando pude ter acesso às fontes por ele citadas), especialmente seu volume mais propositivo (o segundo).

Mas vamos por partes. O primeiro volume, narrativo, fático, é uma delícia. Sintético, denso e leve. Reli-o várias vezes. Foi ele que me seduziu, quando iniciava meus estudos sobre a Idade Média. Até hoje gosto de consultá-lo, mas não sem antes confrontá-lo com outros manuais. Sim, ele é um manual. Sem se restringir à narrativa, Le Goff simultaneamente problematiza. E sugere temas (quantas vezes não me deu ideias de pesquisa!). “A natureza e o universo”, “clareiras e florestas”, “Entre a Terra e o Céu: os anjos”; a imaginação temática do autor francês marcou geração. De modo visionário. Para me restringir a um exemplo, quando, no início de 2000, decidi estudar os anjos (com projeto de pesquisa registrado) – em filosofia, a área é denominada de *angelologia* – virei motivo de chacota entre os alunos, “acostumados” por seus professores a estudar a política, a economia que, além disso, pensavam de modo linear, evolutivo (e ainda pensam, infelizmente). Mesmo nesse aspecto, trinta anos antes, Le Goff, inspirado por

Fernand Braudel (1902-1985), “pulveriza” o tempo (“tempo natural e tempo rural”, “tempo senhorial”, “tempo religioso e clerical”). Uma perspectiva originalíssima.⁵

As propostas temáticas se multiplicam no volume 2. Hoje as conclusões de muitas estão datadas – o que não tira seu caráter visionário. Por exemplo, “a mulher e a criança” (quando se baseia na tese hoje criticadíssima que a Idade Média não “conheceu” a criança – no final de sua vida, em mais de uma ocasião saiu em defesa de seu amigo Ariès).⁶ Pior foi se valer do conceito marxista de *luta de classes* (há vários subitens a respeito). Mas é também compreensível (embora inaceitável para mim): no mundo da *Guerra Fria*, não se conseguiria espaço editorial sem fazer um agrado aos comitês extraoficiais do partido (por isso também o *intelectual orgânico* de 1957...).

De qualquer modo, Le Goff nunca se distanciou (como Duby) do modo de pensar das esquerdas. Talvez esse tenha sido seu *calcanhar de Aquiles* a obstaculizar a melhor compreensão da mentalidade religiosa medieval. Aqui reside sua maior fraqueza como historiador.

Pois sempre que se vê involucrado em um entendimento de uma dada situação em que a Igreja Católica medieval estava envolvida – especialmente com os poderes instituídos – Le Goff dá um passo a mais do que as fontes permitem. Eleva seu nível de desconfiança *a priori*. Vou dar um exemplo (que, certa vez, me fechou uma porta acadêmica). Ao tratar da conversão do rei Clóvis (c. 466-511) ao catolicismo, ele não hesita em afirmar, anacronicamente, que foi um *golpe maquiavélico* (quando, na verdade, deveu-se fundamentalmente à ação de sua esposa, a rainha Clotilde da Borgonha [475-545]). Convido o leitor à leitura das fontes a respeito desse acontecimento (crucial) para o desenvolvimento histórico do Ocidente. Os exemplos são muitos. Muitos e dispersos em muitas obras. Mas só a confrontação com os documentos de época permite que se faça essa crítica. Não me alongarei nesse ponto.

Para um novo conceito de Idade Média é uma leitura mais “técnica”. Lá está a preocupação com o tempo, os sistemas de valores, as distintas culturas e a íntima relação da História com a Antropologia. Particpei de vários seminários com esse livro como tema. Dele absorvi a necessidade imperativa do aparato crítico, da leitura da melhor bibliografia para adquirir ideias, para confrontá-las (e depois ir às fontes e submetê-las a juízo).

Com **O Imaginário Medieval**, sem saber, “avancei” duas décadas em relação às obras anteriormente aqui citadas. E o historiador igualmente se aventurou em novos temas, antes intocados pelo materialismo histórico. Estamos agora na década de 1980. As

amarras utópicas se afrouxaram um bocado. Por isso o *maravilhoso* – que, com meus estudos sobre o filósofo Ramon Llull (1232-1316), ganharam força (especialmente com “O Livro das Maravilhas”, de 1289) (LLULL 2009) – por isso o *deserto-floresta*, as *viagens ao Além* (tão caras a Adriana Zierer⁷), os *sonhos*!⁸ Mas ainda a *ideologia* a submeter o corpo (“*Corpo e ideologia no Ocidente medieval*”) e os torneios medievais, infelizmente (por exemplo, “*Realidades sociais e códigos ideológicos no início do século XIII: um exemplum de Jacques de Vitry sobre os torneios*”)! Em contrapartida, “*O tempo do exemplum (séc. XIII)*” e “*O Cristianismo e os sonhos (séculos II-VII)*”, todos trabalhos contidos no **Imaginário Medieval**. Mas, na época, o que mais me chamou a atenção foi a recuperação da história política (Georges Duby já havia “recuperado” Bouvines, em seu *Domingo* [1973]) (DUBY 1994). Le Goff agitou o âmbito medievalístico com seu instigante artigo “A história política continua a ser a espinha dorsal da História?” (publicado em duas obras: **O Imaginário Medieval** e no **Maravilhoso e o Quotidiano...**). Como gostei desse texto então!

Não elencarei todos os livros que li de Le Goff. E foram quase todos. **São Francisco de Assis** (1999), ao contrário do que se pode pensar, não é exatamente uma biografia, mas uma coletânea de quatro textos, dois de 1967, dois de 1981 (LE GOFF 2000). Definitivamente não aprecio essa sua lavra. Nosso autor apresenta um santo preocupado com “a luta de classes [*sic*], a ascensão dos laicos e os progressos da economia monetária”, quando vê no beijo do *poverello d’assisi* em um camponês uma manifestação de sua consciência de classe... Não dá! Ainda que seja muito meritório o tratamento dado à análise das palavras, do vocabulário de Francisco, definitivamente conceitos marxistas não explicam de modo satisfatório o universo medieval – ainda que, vá lá, possa ser uma ferramenta para os séculos modernos.

São Luís (1996) pertence a outro calibre – aliás, à medida que envelhece, o historiador compreende melhor o tempo no qual se debruça (LE GOFF 1999). Uma biografia! E uma *biografia total*! Aqui estão todas os seus maravilhosos questionamentos (“São Luís existiu?”), suas propostas metodológicas: o sofrimento como tema, a família, as três funções, as palavras e os gestos, o espaço e o tempo, as imagens e as palavras, os *espelhos de príncipes* (de muita serventia então para mim, que redigia minha tese de doutorado, sobre um *espelho* na enciclopédica *Árvore da Ciência* do filósofo Ramon Llull) (COSTA 2000). Sua primeira parte, narrativa, é *quase* agradável (a pena de Le Goff discorre melhor na *história conceitual*, não na narrativa!). No entanto, no final da década

de 90, ainda há “bons combates”, defesas corporativas. Por exemplo, a tão propagada tese de Phillipe Ariès de que não houve infância na Idade Média, defendida pelo amigo Le Goff *hasta el fin*⁹, esbarra na análise das fontes. Um exemplo: em **São Luís**, Le Goff reitera: “a criança foi fundamentalmente um não-valor na Idade Média” – ou seja, no máximo as crianças eram estimadas por seus pais, mas eles as amavam naquilo que poderiam vir a ser. Além dos “tijolaços” bibliográficos – típicos da melhor tradição da esquerda (que, costumeiramente, se apoia mais em farta bibliografia do que em fontes primárias) – para fundamentar a tese de Ariès, curiosamente, Le Goff cita João de Salisbury (c. 1120-1180): “Não há necessidade de recomendar muito a criança [aos pais], porque ninguém detesta sua carne” (*Policraticus*) (LE GOFF 1999). Em outras palavras: ele cita o trecho de uma fonte medieval que diz *exatamente o contrário* do que afirma sua tese! A lição que tiro desse pequeno exemplo interpretativo é: mesmo os grandes têm que passar pela conferência documental. Fazer uma arqueologia dessa natureza, investigar em que o historiador afirma o que escreve, confrontar suas ideias com suas bases documentais – não com a autoridade de sua fama, ou títulos – é o ofício *par excellence* do historiador. Aliás, o próprio Le Goff enaltece isso nas entrevistas de 2002 da obra **Em busca da Idade Média** (2003): “Esse contato com o documento cria a fundamental distinção entre o ‘verdadeiro’ historiador, o historiador profissional, e o historiador de segunda mão, que, por mais qualidades que tenha, não passa de um historiador aficionado, um sucedâneo de historiador”) (LE GOFF 2005). Belíssima distinção.

O tema – Ariès e a criança na Idade Média – retorna em **O Deus da Idade Média** (2003), um livro notável (LE GOFF 2004). Curto, mas denso, sugestivo (como, de resto, tudo de sua lavra). Le Goff matiza a questão (seria a idade?): “O problema [da infância] foi muito mal colocado (...) Philippe Ariès se deixou impressionar muito com as críticas (...) a criança não tinha o papel quase divino que tem em certas sociedades, particularmente em nossas sociedades modernas. Ariès foi criticado sob uma má base, a do amor parental e, em particular o amor maternal. Isso foi traduzido como ‘Ariès pretende que os pais e as mães da Idade Média não amavam seus filhos (...) o amor parental e, em particular, o amor maternal existiam na Idade Média. O que evoluiu foi o lugar simbólico da criança. Ocorreu uma extraordinária promoção da criança’. Seja como for, é difícil reconhecer um erro interpretativo. Nosso Le Goff matizou a tese do amigo...

De fato, há em sua bibliografia um notável espaço para as entrevistas. **Por amor às cidades** (1997) é um belo exemplo – além do supracitado **O Deus da Idade Média** (LE

GOFF 1988). Mas gostaria de encerrar esse incompletíssimo périplo com um livro que muito me agrada: **Uma longa Idade Média** (2004), outra coletânea (oito artigos e dez entrevistas) (LE GOFF 1988). E a diferença entre as formas é marcante: enquanto produz para a academia, seu materialismo é mais presente, está mais à frente de suas interpretações.

Salta aos olhos. Materialismo com esquemas simplistas (também poderia dizer “pedagógicos”); por sua vez, nas entrevistas, mais à vontade, direcionado por perguntas objetivas, Le Goff “se solta”. Dá-se inclusive ao luxo de “elogiar” a marca cristã do Ocidente medieval: na “bela Idade Média” que existiu de verdade – e que termina para ele em 1800 – até as mulheres foram libertadas pelo cristianismo! Ele nunca diria isso na década de 60.

Há muito mais – de **Mercadores e Banqueiros** (1957) ao **Apogeu da Cidade Medieval** (1980), do **Nascimento do Purgatório** (1981) até **Em busca do tempo sagrado** (2011) (LE GOFF 1991, 1992, 1993)... Jacques Le Goff, historiador instigante, propositivo e interrogativo, indicou muitos novos e impensados caminhos. São múltiplas as suas Idades Médias. Gosto mais de algumas do que outras. Leio todas. Nós, medievalistas, fomos agraciados por uma tradição historiográfica que renovou as pesquisas históricas. Desde Marc Bloch (1886-1944) os colegas de outras áreas, inclusive os mais refratários, são *obrigados* a marcar passo nos medievalistas. Pois foram eles, Le Goff & Cia., os fantásticos recriadores de nosso ofício. E Jacques Le Goff ocupa um lugar de destaque. É parada obrigatória.

À guisa de conclusão, devo reconhecer que ele marcou uma época em minha vida. Foram – e ainda são – muitas e muitas horas de leitura. Terminarei minha relação com ele com um pequeno “causo”. Certa vez, há muitos anos, uma historiadora me perguntou de quem eu gostava mais, de Le Goff ou de Duby. Estava em minha *fase Le Goff*. Todos passamos por ela. Respondi, sem pestanejar: “– Le Goff”. Ela me olhou, com um olhar bem interrogativo, pois gostava mais de Georges Duby. Hoje, mais maduro, confesso: mudei de opinião. Talvez aos 30 gostasse mais de Le Goff porque seus textos fossem “mais fáceis” para mim. Ainda o contemplo assim. Como disse, ele propõe esquemas interpretativos. Simplifica. Sintetiza e conclui. É, portanto, mais pedagógico. Por isso, nada mais natural que, durante minha formação, gostasse mais de seus textos. Já Duby é mais complexo. Não facilita. E tem um texto para poucos. Para pouquíssimos. Aos “cinquenta”, me delicio com seu artesanato textual, precioso. Mas Le Goff faz parte da

formação de *qualquer* medievalista. Por isso, fez da minha. Por isso, presto, com a devida vênua, meu reconhecimento.

Agora devo retornar à **Uma História do Corpo na Idade Média** (de 2003, sua parceria com Nicholas Truong) e a duas obras “biográficas”: **Heróis e maravilhas da Idade Média** (2005) e **Homens e Mulheres da Idade Média** (2012) (LE GOFF 2005, 2011, 2013). Como Georges Duby retornou ao acontecimento, traço marcante da *histoire événementielle*, no final da vida Le Goff retomou as biografias! – de uma certa forma, suas entrevistas, reunidas em livros, também continham um tanto de autobiográficas¹⁰ (isso sem contar sua impressionante e transparente contribuição para a coletânea *Ensaio de Ego-História* – quando vemos que a Idade Média também foi para ele, muito psicanaliticamente, uma espécie de *ajuste de contas* com a memória de sua mãe¹¹). De minha parte, achei fantástico. Afinal, preciso de suas sugestões e interrogações para continuar a instigar minhas próprias investigações. Afinal, não podemos negar: somos todos filhos de Le Goff. Para o bem e para o mal.

BIBLIOGRAFIA

- BERNAT METGE. *Lo Somni/O Sonho* (apres. de Júlia Butiná, introd., trad. e notas de Ricardo da Costa). Madrid: Editorial Palas Atenea. Centro de Lingüística Aplicada ATENEA, 2016.
- DHUODA. **La educación cristiana de mi hijo** (introd., trad. y notas de Marcelo Merino). Pamplona: Ediciones Eunat, 1995.
- RAMON LLULL. **Félix ou O Livro das Maravilhas** (apres., trad. e notas de Ricardo da Costa). São Paulo: Editora Escala, 2009, 02 volumes.
- RAMON LLULL. **Doutrina para crianças** (trad. Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III). Alicante/Espanha: e-Editorial IVITRA Poliglota, 2010. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/doutrina.pdf>.

Bibliografia citada

- AGULHON, Maurice, CHAUNU, Pierre, DUBY, Georges, GIRARDET, Raoul, PERROT, Michelle, LE GOFF, Jacques, RÉMOND, René, NORA, Pierre. **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995, 02 volumes.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989). A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Unesp, 1991.
- COSTA, Ricardo da. **A Árvore Imperial – Um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316)**. Niterói: UFF (tese de doutorado), 2000.
- COSTA, Ricardo da. “Os sonhos e a História: *Lo somni* (1399) de Bernat Metge”. In: *Revista de linguas y literaturas catalana, gallega y vasca. Anuario de filología catalana, gallega y vasca* (RLLCGV). Madrid: UNED, Año 2012, volumen XVII, p. 15-30. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/os-sonhos-e-historia-lo-somni-1399-de-bernat-metge>.
- COSTA, Ricardo da. (org.). **Os Sonhos na História**. Alicante/Madrid: e-Editorial IVITRA Poliglota. Estudis, Edicions i Traduccions / Atenea, 2014. *Internet*, http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/livros/pdf/ossonhosnahistoria_1.pdf.
- DE LIBERA, Alain. **Pensar na Idade Média**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- DUBY, Georges. **O Domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média. Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente**. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.
- LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, 02 volumes.
- LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 1988.
- LE GOFF, Jacques (dir.). **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- LE GOFF, Jacques. **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **Mercadores e Banqueiros**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LE GOFF, Jacques. **O Apogeu da Cidade Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

- LE GOFF, Jacques (dir.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1994.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.). **História – novos problemas, novas abordagens, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, 03 volumes.
- LE GOFF, Jacques. **Uma vida para a História. Conversações com Marc Heurgon**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Lisboa: Teorema, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **El Dios de la Edad Media**. Madrid: Editorial Trotta, 2004.
- LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicholas. **Uma História do Corpo na Idade Média**. Lisboa: Teorema, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
- LE GOFF, Jacques (dir.). **Homens e Mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.
- LE GOFF, Jacques. **Em busca do tempo sagrado. Tiago de Varazze e a Lenda dourada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- VAINFAS, Ronaldo. “História das mentalidades e história cultural”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127-162.
- ZIERER, Adriana. “Paraíso e Inferno na *Visión de Don Túngano (Visão de Tündalo)*: um percurso para a salvação”. In: **Notandum 42 set-dez 2016**. CEMOrOC - Feusp / IJI-Univ. do Porto, p. 1-19. *Internet*, <http://www.hottopos.com/notand42/1%20Adriana%20Maria%20de%20Souza%20Zierer.pdf>.¹²

¹ Medievalista da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e *Acadèmic corresponent a l'estranger* da *Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*, Espanha. Site: www.ricardocosta.com.

² Em que pese o fato do conceito ter sido duramente criticado pelos historiadores, ainda o considero válido como ferramenta conceitual. Ver VAINFAS, Ronaldo. “História das mentalidades e história cultural”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127-162.

³ Outros textos teóricos de sua lavra que muito me marcaram estão reunidos em uma coletânea: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1994. São trabalhos que muito embasaram meus estudos das obras do filósofo Ramon Llull (1232-1316).

⁴ Para a Escola, ver BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989). A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Unesp, 1991.

⁵ A obra de Braudel, a qual sempre recorro em busca de um texto saboroso (além de uma profunda erudição) é BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995, 02 volumes (especialmente o vol. 1, em que o autor relaciona a Geografia à História).

⁶ Sem me estender muito no tema, indico apenas duas fontes medievais dedicadas exclusivamente a crianças: o *Liber Manualis* de Dhuoda (c. 803-843) – há uma boa edição espanhola: DHUODA. **La educación cristiana de mi hijo** (introd., trad. y notas de Marcelo Merino). Pamplona: Ediciones Eunote, 1995 – e a *Doctrina pueril (Doutrina para crianças, c. 1274-1276)* de Ramon Llull (1232-1316) – este último documento, tive o privilégio de traduzir: RAMON LLULL. **Doutrina para crianças** (trad. Ricardo da Costa

e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III). Alicante/Espanha: e-Editorial IVITRA Poliglota, 2010. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/doutrina.pdf>.

⁷ Por exemplo, ZIERER, Adriana. “Paraíso e Inferno na *Visión de Don Túngano (Visão de Túndalo)*: um percurso para a salvação”. In: **Notandum 42 set-dez 2016**. CEMOrOC - Feusp / IJI-Univ. do Porto, p. 1-19. *Internet*, <http://www.hottopos.com/notand42/1%20Adriana%20Maria%20de%20Souza%20Zierer.pdf>

⁸ A sugestão de Le Goff dos sonhos deu origem a várias pesquisas, até me deparar com *Lo somni (O Sonho)*, obra escrita em 1399 por Bernat Metge (1340-1413), quando a traduzi. COSTA, Ricardo da. “Os sonhos e a História: *Lo somni (1399)* de Bernat Metge”. In: *Revista de lengüas y literaturas catalana, gallega y vasca. Anuario de filología catalana, gallega y vasca* (RLLCGV). Madrid: UNED, Año 2012, volumen XVII, p. 15-30. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/os-sonhos-e-historia-lo-somni-1399-de-bernat-metge>, e COSTA, Ricardo da. (org.). **Os Sonhos na História**. Alicante/Madrid: e-Editorial IVITRA Poliglota. Estudis, Edicions i Traduccions / Atenea, 2014. *Internet*, http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/livros/pdf/ossonhosnahistoria_1.pdf. Por sua vez, a obra foi publicada: BERNAT METGE. *Lo Somni/O Sonho* (apres. de Júlia Butiná, introd., trad. e notas de Ricardo da Costa). Madrid: Editorial Palas Atenea. Centro de Lingüística Aplicada ATENEA, 2016.

⁹ Por exemplo, LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

¹⁰ Como, por exemplo, LE GOFF, Jacques. **Uma vida para a História. Conversações com Marc Heurgon**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

¹¹ São nesses depoimentos autobiográficos que o medievalista demonstra mais claramente sua aversão ao sentimento religioso – o que não deixa de ser paradoxal, já que escolheu o mundo medieval como tempo de estudo. Por exemplo: “A partir de minha adolescência, percebi cada vez mais o peso decisivo da paixão de um catolicismo destruidor da pessoa. Percebi-o principalmente com a leitura de uma de suas meditações favoritas [de sua mãe], um *Boletim do Rosário* onde os *mistérios dolorosos* tinham um lugar desmesurado, e do seu livro de cabeceira, *A Imitação de Cristo* que me fez detestar (e ainda não me libertei disso) a baixa Idade Média da *devotio moderna* e mais tarde ainda, quando me tornei medievalista, a tradição do *desprezo do mundo (contemptus mundi)* que monges e cleros abusivos quiseram impor aos laicos que não o escolheram e que ficaram aterrorizados com ele. Detesto e acuso perante o tribunal de Deus e dos homens esse catolicismo, que não desapareceu inteiramente. Conheço a infelicidade que trouxe a milhões de crentes, entre os melhores, como a minha mãe, sua vítima. Uma vida arruinada, uma auto-punição constante, a recusa da felicidade, o espectro do pecado e o culto pelo remorso, a autoculpabilização vivida e bebida até às fezes.” – AGULHON, Maurice, CHAUNU, Pierre, DUBY, Georges, GIRARDET, Raoul, PERROT, Michelle, LE GOFF, Jacques, RÉMOND, René, NORA, Pierre. **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 179. Quão elucidativo é esse depoimento – há outras passagens impressionantes! Até os grandes transformam a História em um divã e projetam no passado suas angústias, frustrações e amarguras.